

# **Nietzsche *contra* Kant: a vulgarização da filosofia transcendental\***

*Nietzsche contra Kant: the vulgarization of transcendental philosophy*

**Ildenilson Meireles<sup>1</sup>**

## **Resumo**

O artigo discute a presença de Kant nos textos de Nietzsche, em especial a partir de *Aurora*, destacando certo conjunto de afirmações sobre a filosofia transcendental que a concebe como filosofia insidiosa. Nossa hipótese é que, além de um debate mais profundo com temas capitais da filosofia Kantiana, Nietzsche elabora estrategicamente uma caricatura de Kant e se esforça por difamar os êxitos do seu programa moral com o intuito de desestabilizar a hegemonia alcançada pelo projeto kantiano, vinculando-a a uma motivação teológica. A insistência de Nietzsche em vulgarizar a filosofia transcendental, até seus últimos escritos, parece mostrar justamente sua tentativa de minar o domínio exercido pela interpretação moral de Kant, o que, a nosso ver, funciona como estratégia retórica importante na explicitação da moral como *problema*.

**Palavras-chave:** Vulgarização. Nietzsche. Moral. Kant.

## **Abstract**

The article discusses the presence of Kant in Nietzsche's texts, especially from *Daybreak*, highlighting certain set of statements about transcendental philosophy that conceives it as insidious philosophy. The hypothesis is that, in addition to a deeper debate with capital subjects of Kantian philosophy, Nietzsche draws, strategically, a caricature of Kant and strives to defame the successes of his moral program, in order to destabilize the hegemony achieved by the Kantian project, linking it to a theological motivation. Nietzsche's insistence on vulgarize transcendental philosophy, until his last writings, seems to show, precisely, his attempt to undermine the domain exercised by the moral interpretation of Kant, which, in our view, works as an important rhetorical strategy in explanation of moral as a problem.

**Keywords:** Vulgarization. Nietzsche. Morality. Kant.

## **Introdução**

O que temos em vista nesse texto é apresentar alguns aspectos que constituem uma certa interpretação nietzscheana de Kant, interpretação esta que tem como escopo a

---

\* Este texto, com algumas modificações, foi apresentado no I Congresso Internacional Nietzsche e a Tradição Transcendental, realizado em Outubro de 2012 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>1</sup> Professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, MG, Brasil. E-mail: meirelesildenilson@gmail.com

vulgarização da filosofia transcendental. Não é difícil ao leitor de Nietzsche encontrar uma quantidade enorme de ataques direcionados à filosofia kantiana, de modo especial a partir de seu texto de 1881, *Aurora*<sup>2</sup>, cujo subtítulo já anuncia o teor da tarefa aí realizada: “reflexões sobre os preconceitos morais”. É certo que esse livro concentra boa parte da argumentação na “paixão do conhecimento”, sua sedução, seus perigos e sua destinação inevitável a “mares inexplorados”, mas talvez sejam os preconceitos morais, objeto das reflexões de Nietzsche nesse momento, justamente os responsáveis pelas nossas orientações epistemológicas. Aparentemente descentrada em relação ao conteúdo geral dos aforismos de *Aurora*, a seção 3 do prólogo – incorporado à obra em 1886 –, retoma, com justiça, o pano de fundo da argumentação de Nietzsche nos ataques à filosofia transcendental de Kant, mais especificamente à moral, colocando-a desde já no registro da grande *sedução* e do grande *perigo*. Parte considerável desses ataques ao conjunto das questões postas pelo filósofo de Königsberg, sempre com ar de desprezo e com uma suspeita incisiva, parece denunciar, pela insistência da presença de Kant no texto de Nietzsche, o vínculo espiritual deste em relação àquele. Ora, sabe-se que a relação Nietzsche-Kant é bastante ambígua, o que pode ser mostrado no próprio texto de Nietzsche sob vários aspectos, e que nos bastidores da retórica nietzscheana contra Kant está, talvez, o que há de mais fecundo em termos de debate filosófico que valha a pena investir nossos esforços. F. Kaulbach<sup>3</sup>, por exemplo, considera um aspecto importante dessa relação Nietzsche-Kant na medida em que se esforça para mostrar, com bastante rigor argumentativo, um deslocamento fundamental da *Experimentalphilosophie* nietzschiana que não concebe mais a subjetividade no registro da “necessidade universal da razão pura do ‘eu penso’” (KAULBACH, 1990, p. 216), mas a coloca nos domínios do experimento perspectivístico do indivíduo. Entretanto, não é porque se descobre que Nietzsche guarda seu vínculo com a filosofia transcendental de Kant nas entrelinhas de seus aforismos que se pode desprezar a caricatura de Kant construída por ele desde *Aurora*, mas intensificada e bastante diversificada nos textos ulteriores. É sobre essa caricatura de Kant, consubstanciada na difamação da filosofia transcendental perpetrada pelo filósofo de *O Anticristo*, que procuraremos mostrar aqui o esforço de Nietzsche para impor sua interpretação moral num combate acirrado com a figura do “chinês de Königsberg”.

<sup>2</sup> Antes de *Aurora*, Kant aparece no texto de Nietzsche ainda de forma tímida do ponto de vista da crítica. Mais precisamente, é na seção 25 de *Humano, demasiado Humano* que Nietzsche se refere a Kant nos seguintes termos: “A antiga moral, notadamente a de Kant, exige do indivíduo ações que se deseja serem de todos os homens: o que é algo belo e ingênuo” (HH I, 25). Entretanto, é somente com *Aurora* que Nietzsche retornará a Kant para dar início ao seu debate mais fecundo com a filosofia transcendental, isto é, atacando algumas teses epistêmicas de Kant pela via dos “preconceitos morais”.

<sup>3</sup> Na mesma linha, cf., dentre outros, GERHARDT (1989) e HIMMELMANN (2005).

A nosso ver, ela tem uma importância significativa do ponto de vista da crítica genealógica, por dois motivos: primeiro, a vulgarização da filosofia transcendental é alimentada pelo audacioso projeto de Nietzsche de pensar o mundo e a vida fora do registro metafísico da tradição, ao qual ele entende estar ainda filiada a filosofia kantiana, principalmente no insolúvel problema da distinção coisa-em-si e fenômeno. Ou seja, o sucesso do empreendimento nietzschiano no ultrapassamento das oposições valorativas constitutivas da metafísica só ganharia um alcance significativo no confronto direto com o problema kantiano – e do idealismo posterior – da distinção coisa em si e fenômeno<sup>4</sup>. Segundo, porque a estratégia de vulgarização da filosofia transcendental orienta, de certo modo, as questões fundamentais com as quais Nietzsche está fortemente comprometido, o que denuncia, a nosso ver, a importância que tem para ele os temas fundamentais do kantismo, justamente por serem os mesmos temas que sua filosofia se esforça continuamente para combater e superar. Ou seja, a vulgarização da filosofia transcendental pode muito bem ser colocada, com a aquiescência de Nietzsche, na conta de uma *filosofia de fachada*, mas que, e talvez por isso mesmo, traz a marca da sua crítica numa estratégia argumentativa que torna a filosofia de Kant, paradoxalmente, a pior coisa já feita como trabalho filosófico, mas também aquela que abriu a via *necessária* para uma autocrítica da razão, autocrítica da qual o próprio Nietzsche se reconhece herdeiro, malgrado suas várias tentativas de recusa dos princípios da filosofia transcendental. De todo modo, o que mais importa aqui é mostrar que Nietzsche, ao reconduzir os problemas fundamentais da filosofia transcendental, os reconduz, estrategicamente, para tratá-los com sua “arte de deslocar perspectivas” (EH, Por que sou tão sábio, 1). Nos limitaremos, portanto, em tentar mostrar que a recorrência do nome de Kant nos textos de Nietzsche é sintoma de uma proximidade intelectual entre ambos que Nietzsche, para dele se distanciar por exigência de veracidade, terá que negar na elaboração da sua estratégia argumentativa de difamação da filosofia transcendental.

### **Kant: uma filosofia insidiosa**

---

<sup>4</sup> A recepção de Nietzsche nas interpretações de língua inglesa tem o mérito de tornar esse debate algo de substancial na relação Nietzsche-Kant. Sob diferentes perspectivas, as interpretações de CLARK, M. (1990), GRIMM, R. (1977) e RICCARDI, M. (2010), dentre outros, fornecem fortes argumentos acerca de certa recusa de Nietzsche da coisa em si kantiana, bem como das dificuldades teóricas de Nietzsche em abandonar por completo o princípio da distinção entre coisa em si e fenômeno, o que, nesse caso, o manteria preso à tradição transcendental.

Nietzsche considera a filosofia kantiana uma filosofia insidiosa, perigosa e dogmática, que alcança termo na definição que ele mesmo dá de Kant como sendo o típico operário da filosofia, o funcionário burocrático que cumpre rigorosamente seus horários e suas tarefas a bem do ‘serviço público’, que tem a razão – a coisa em si talvez –, como instância de governo e determinação.

Estamos convictos de que o Kant apresentado por Nietzsche nos escritos a partir de *Aurora*, mas principalmente e com mais ênfase nos escritos a partir de *Para Além de Bem e Mal*, não é senão uma espécie de *caricatura* do Kant que realmente interessa a ele. Ou seja, pode-se argumentar já de antemão que o modo como Nietzsche ataca a filosofia de Kant e denuncia seu projeto crítico-transcendental como filosofia de fachada, parece revelar uma disputa agonística e interminável acerca de algumas questões epistemológicas e éticas que Nietzsche, malgrado todo o esforço realizado em suas obras, não teria conseguido superar em definitivo, como sugerem suas frases de efeito. Apostando nisso, não seria a filosofia de Nietzsche também uma filosofia de fachada na medida em que diz ter superado aquilo que ainda permanece insolúvel no seu próprio texto? Não seria justamente esse o propósito de sua denúncia de Kant como filósofo insidioso, cristão pérfido, *décadent*, isto é, desviar o leitor dos problemas fundamentais, pelo menos do modo como são tratados por Kant, com o intuito de chamar a atenção dos seus contemporâneos para o *seu* modo de tratar das mesmas questões? A execração pública que faz de Kant, denunciando o ‘preconceito popular’ que orienta o projeto da filosofia transcendental, não colabora justamente para que a ‘perspectiva’ de Nietzsche assuma lugar de destaque no debate filosófico? A inserção de uma seção específica sobre os perigos da moral kantiana no prefácio de 1886, por ocasião da reedição de *Aurora*, não seria justamente uma tentativa de Nietzsche de lançar, através de Kant, suas hipóteses epistêmicas e éticas? A hipótese que esboçamos aqui é orientada por uma resposta afirmativa às questões levantadas. Não se pode esquecer que no mesmo ano em que escreve o prefácio a *Aurora* Nietzsche publica *Além de Bem e Mal*, que contém sua crítica da faculdade dos juízos sintéticos *a priori*, e logo na sequência, um ano depois, publica *Genealogia da Moral*, seu escrito polêmico (*Streitschrift*). É nessa obra que ele retoma, a nosso ver, alguns temas fundamentais do programa moral de Kant, mas no sentido de uma contraposição<sup>5</sup>, que

---

<sup>5</sup> Por exemplo, os temas do dever, da responsabilidade, da consciência moral, da liberdade, do direito, do indivíduo soberano e da autolegislação constituem, a meu ver, temas pertencentes à filosofia kantiana, mas sempre insistentemente retomados por Nietzsche a partir do início da década de 1880 e tratados de forma mais consistente a partir de *Além de Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*. Uma contraposição importante está registrada na seção 6 da segunda dissertação do escrito de 1887 em que Nietzsche considera os conceitos morais de “culpa”, “consciência”, “dever” e “sacralidade do dever” como tendo um início “largamente banhado de

só vai alcançar seu tom mais propositivo com os escritos de 1888, *O Anticristo*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *Ecce Homo*. Considerando essa hipótese, é preciso admitir que a intenção de Nietzsche que subjaz ao programa de difamação da filosofia transcendental é certamente entrar numa *concorrência* direta com a perspectiva kantiana. Isso demonstra, por um lado, o reconhecimento de Nietzsche de que a filosofia de Kant é o que domina, ainda em sua época, as visadas teóricas com as quais tem de se debater. Por outro lado, o resultado alcançado pela genealogia nietzscheana, aquela esboçada na seção 10 de *O Anticristo*, dá conta de que a concorrência de perspectivas precisa agora ser recolocada em termos rigorosamente crítico-filosóficos. De qualquer modo, uma argumentação mais consistente acerca das intenções de Nietzsche com a divulgação panfletária da filosofia de Kant só pode ser elaborada a partir de uma leitura atenta do Kant de Nietzsche, isto é, do Kant vulgarizado pelos textos de maturidade do filósofo de sils-maria. Vejamos então como Nietzsche constrói essa caricatura de Kant, um Kant nefasto e artiloso, um *décadent*, por meio de uma completa vulgarização dos temas pertencentes à sua filosofia transcendental.

### **Kant e o preconceito dogmático**

O criticismo kantiano pode bem ser tomado como antidogmático por excelência, na medida em que se proíbe a aceitar como “dado” tudo aquilo que não tenha se submetido ao crivo de uma crítica rigorosa elaborada por uma instância segura, a razão pura *a priori*. Isto significa justamente a inversão do protocolo da metafísica dogmática, como o define Kant no prefácio à segunda edição da *Crítica da razão pura*: “O dogmatismo é, pois o procedimento dogmático da razão *sem uma crítica prévia da sua própria capacidade*” (KrV, B XXXV). Uma crítica prévia da capacidade racional supõe uma inspeção em seus domínios com o objetivo de eliminar sua ambição àquilo para o qual não pode assegurar nenhum conhecimento. Nisto consiste, em linhas muito gerais, mas suficiente para o nosso propósito, a tônica do projeto de uma crítica total a ser realizada pelo sujeito transcendental: a razão pura como avalista de todo o conhecimento de objetos; a separação de domínios a serem conquistados de acordo com os interesses próprios da razão; a crítica como elemento mais eficiente na dissipação dos erros cometidos pela razão. Trata-se de uma completa revolução na forma de pensar, de uma mudança radical na forma de conceber o mundo. Esse é um dos

---

sangue”. Entrecortando a argumentação, aparece a observação de que também em Kant o dever moral foi constituído sob o signo do “odor de sangue e tortura” na medida em que “o imperativo categórico cheira a crueldade” (GM II, 6).

aspectos mais importantes do projeto crítico de Kant, seu esforço de pensar as condições da natureza e da cultura sob a égide de uma racionalidade agora liberada dos preconceitos dogmáticos. Pode-se arriscar que esse é um dos aspectos positivos da filosofia kantiana que animam o empreendimento filosófico de Nietzsche, principalmente sua crítica do conhecimento e da verdade, mas também, em certo sentido, sua preocupação com uma nova destinação do homem na superação do niilismo. Isto significa dizer que Nietzsche é herdeiro direto da filosofia crítica de Kant na medida em que seu projeto genealógico busca incessantemente realizar, como Kant, uma crítica radical nos domínios do humano, da natureza e da cultura. No entanto, se o projeto crítico de Kant pode ser considerado ponto de partida para a inserção de Nietzsche numa tradição que busca a elevação do homem e da cultura, é justamente esse mesmo projeto crítico que provoca em Nietzsche a suspeita de que também em Kant está presente a farsa do ideal, a vontade incondicional de verdade como base de todo o seu sistema. Nele, em Kant, a veracidade mente desde o início e permanece irrealizável sua probidade intelectual. Sob este aspecto, segundo Nietzsche, Kant teria influenciado toda a geração posterior e teria feito passar como “crítica” uma filosofia que no final das contas se denuncia como dogmática, se não do ponto de vista do seu procedimento interno – da rigorosa inspeção que realiza nos domínios do sujeito transcendental –, pelo menos do ponto de vista dos seus elementos (faculdades puras, categorias, fins racionais) e dos seus princípios (necessidade causal, intuição pura, dever e obediência, imperativo categórico). Nos termos de uma genealogia do ideal de verdade, conforme esboçada em *Além de Bem e Mal e Genealogia da Moral*, a postura mais radical para uma filosofia que se pretende crítica, para fazer jus ao título de “filosofia crítica”, seria exatamente a denúncia de todo conhecimento como ilusão, ficção, criação demasiadamente humana que encontra na perspectiva, ao mesmo tempo, seu ponto de apoio e sua autodissolução. Isto significa que a filosofia crítica de Kant, malgrado todo o esforço do filósofo, não teria conseguido levar às últimas conseqüências o seu intento de dissipar os erros dos dogmáticos, permanecendo, ele mesmo, encerrado num “preconceito filosófico”.

Pode-se arriscar que Nietzsche, nesse aspecto, leva adiante o projeto crítico inaugurado por Kant, sem, contudo, manter os “resíduos metafísicos” da filosofia transcendental. Ou seja, a radicalização operada por Nietzsche não tem como desfecho uma consumação do projeto crítico de Kant, mas um distanciamento na medida em que abre outras sendas interpretativas, inclusive contra a filosofia transcendental. Nesse sentido, se Nietzsche estiver certo quanto àquilo que constitui um “erro de dogmático”, a separação entre mundo

verdadeiro e mundo aparente, Kant se filia à tradição dogmática por uma separação que se enquadra no mesmo registro, a saber, a separação sujeito-objeto e coisa em si-fenômeno por meio da qual sua filosofia se manteria presa aos laços da tradição e não realizaria o projeto anunciado pela razão esclarecida. Para Nietzsche, a dicotomia que persiste na filosofia de Kant é o que o mantém preso à tradição dogmática pelo fato de ele sustentar, por meio dessa dicotomia, a *crença* num ideal de verdade comprometendo, com isso, sua probidade intelectual:

A que se deve o júbilo que o aparecimento de Kant provocou no mundo erudito alemão, três quartos do qual é composto de filhos de pastores e professores – e a convicção alemã, que ainda hoje ecoa, de que Kant deu início a uma virada para *melhor*? O instinto de teólogo do erudito alemão adivinhou o que se tornara novamente possível... Estava aberta uma trilha oculta para o velho ideal, o conceito de ‘mundo *verdadeiro*’, o conceito da moral como *essência* do mundo (- os dois erros mais malignos que existem!) eram novamente, graças a um sagaz e manhoso ceticismo, se não demonstráveis, não mais *refutáveis* pelo menos... (...) O sucesso de Kant é apenas um sucesso de teólogo: ele foi, como Lutero, como Leibniz, um freio a mais na retidão alemã, já não muito firme por si (AC 10).

Não se pode deixar de reconhecer a ironia de Nietzsche à suposição kantiana do indeterminado e desconhecido “em-si” do mundo. É justamente nesse ponto que Nietzsche reconhece que o êxito de Kant foi um êxito de teólogo<sup>6</sup>. A partir de *Crepúsculo dos Ídolos* a figura de Kant será sempre associada à figura de um teólogo, “um cristão *insidioso*, afinal de contas” (CI, A razão na filosofia, 6), que à sua maneira reforçou a “ilusão ótico-moral” (idem) do cristianismo acerca da separação entre “mundo verdadeiro” e “mundo aparente”. Sua filosofia estaria mais preocupada em proteger o segredo da coisa-em-si do que investigar sua veracidade. É nesse ponto que se situa a investida de Nietzsche em relação a Kant como “filósofo crítico”. Para ele, Kant não teria se perguntado criticamente pela coisa em si e não

<sup>6</sup> Essa leitura que Nietzsche faz de Kant vinculando-o ao preconceito teológico parece ser importante no registro da compreensão segundo a qual, para Nietzsche, “o pastor protestante é o avô da filosofia alemã” (AC 10), tendo Kant, portanto, como pai de todo o idealismo, se alimentado do gesto espiritual de Lutero. Não são poucos os textos nos quais as referências a Kant ocupam o mesmo espaço que as referências a Lutero. A disposição de ambos nos mesmos textos não parece sem propósito. Nietzsche realmente considerava Kant um herdeiro espiritual direto do monge alemão. No prefácio de *Aurora* ele dá mostras desse vínculo na medida em que avalia que o procedimento de Kant de “criar espaço para o seu reino moral” o obrigou “a estabelecer um mundo indemonstrável, um ‘Além’ lógico”, de modo que “para isso necessitava de sua crítica da razão pura! Em outras palavras: não teria necessitado dela, se para ele uma coisa não fosse mais importante que tudo, tornar o ‘mundo moral’ inatacável ou, melhor ainda, inapreensível pela razão”, tal como fez Lutero, “outro grande pessimista, que, com toda a sua luterana audácia, indagou certa vez aos amigos: ‘se pudéssemos apreender pela razão como pode ser justo e misericordioso o Deus que mostra tanta ira e maldade, para que necessitaríamos da *fé*?’”. Na seção 207 de *Aurora* Nietzsche reforça sua tese de que a estratégia kantiana de argumentar no plano da moral segue fielmente a estratégia de Lutero. Segundo ele, “Muito antes de Kant e seu imperativo categórico, Lutero afirmou, com base no mesmo sentimento, que tem de haver um ser no qual o homem possa confiar incondicionalmente – foi sua prova da existência de Deus, ele quis, de modo mais grosseiro e popular do que Kant, que não se obedecesse incondicionalmente a um conceito, mas a uma pessoa, e, afinal, também Kant fez um rodeio pela moral apenas para chegar à obediência à pessoa” (A 207).

teria suspeitado do seu caráter ficcional por estar comprometido com o preconceito dogmático popular, isto é, aquele “modo de julgar” que “constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos” (BM 2).

Esta seção 2 de *Além de Bem e Mal*, na íntegra, dá a noção exata da inserção de Kant no registro dos filósofos dogmáticos, sua vinculação ao ideal de verdade forjado no gesto filosófico do socratismo-platonismo, ao qual a filosofia transcendental teria dado um novo fôlego reabrindo suas compotas para alimentar toda a posteridade filosófica alemã. Considerando que a filosofia de Kant é uma ‘filosofia de fachada’, como entende Nietzsche, o que se esconde por trás da crítica não é outra coisa senão a “crença” a partir da qual “eles (os metafísicos) procuram alcançar seu ‘saber’ (*Wissen*), alcançar algo que no fim é batizado solenemente de ‘verdade’”. As análises feitas em *Além de Bem e Mal* representam todo o esforço de Nietzsche em mostrar que a filosofia transcendental de Kant, malgrado todo o ar solene de *filosofia crítica*, esconde em suas barbas um velho preconceito teológico. Sua distinção entre *fenômeno* e *coisa em si* mantém acesa “aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina” (GC 344). Aqui há algo de importante a ser considerado na ofensiva de Nietzsche contra Kant: a vulgarização da filosofia de Kant no texto de Nietzsche se dá menos pela referência direta ao texto do próprio Kant<sup>7</sup> do que pelas consequências promovidas pelo projeto crítico. Daí que a apropriação de Kant feita por Nietzsche assume uma estratégia retórica fortemente marcada por acusações difamatórias. O que interessa a Nietzsche, portanto, na sua referência retórica a Kant como filósofo insidioso, não é propriamente uma contra-argumentação em relação às teses defendidas por Kant, nem mesmo refutá-las, mas desmascarar a filosofia transcendental na sua pretensão ao conhecimento “seguro” e inserir os resultados alcançados por Kant, os *êxitos* de seu projeto crítico, no quadro estrito de uma teologia ou daquilo que Nietzsche denomina de preconceito popular. Ou seja, não é como um intérprete preocupado em refutar as teses do seu oponente e substituí-las por outras ‘mais verdadeiras’, no mesmo domínio, que Nietzsche lê Kant. Muito ao contrário, sua leitura do programa crítico kantiano já está, nesse momento, num certo distanciamento dessa tentativa de oferecer um ‘fundamento’ ao conhecimento e à moral. Como não se trata de refutar as teses de Kant, somos levados a pensar que Nietzsche se

<sup>7</sup> O contato de Nietzsche com a filosofia de Kant se deve muito à sua leitura de Schopenhauer, com o qual tem um debate mais direto, além da veiculação da filosofia transcendental através da *História do Materialismo*, de F. A. Lange, cujo contato se deu no mesmo ano da publicação, 1866, e *Die wirkliche und die scheinbare Welt. Neun Grundlegend der Mataphysik* (Mundo efetivo e mundo aparente: nova fundamentação da metafísica), de Gustav Teichmüller, de 1882, época em que Nietzsche está bastante envolvido com a perspectiva da ciência na qual se concentra sua expectativa de superar os preconceitos filosóficos correntes no pensamento alemão desde Kant. Sobre a inserção de Nietzsche na tradição da filosofia transcendental, cf. GREEN (2002).

orienta, na *sua* leitura de Kant, pela suspeita de que faltou ao “chinês de Königsberg”, malgrado todo seu esforço, honestidade intelectual<sup>8</sup>.

### **Kant teólogo**

Um fecundo trabalho realizado por Giacóia (2012) acerca da disputa Nietzsche-Kant no âmbito das preocupações morais nos permite encaminhar a questão que segue. Segundo o intérprete, o fato de Nietzsche “considerar a si mesmo como o mais afortunado e exigente herdeiro de um legado de pensamento traçado de Lutero a Schopenhauer, passando por Kant e pelos pensadores idealistas como Hegel e Schelling” (p. 148), isso, por si só, não mantém Nietzsche preso “aos padrões lógicos de julgamento” (p. 147) de Kant, mas estabelece uma ruptura fundamental com a moral kantiana do dever. A crítica de Nietzsche a Kant teria como orientação básica, no domínio da moralidade, a percepção de que se trata de um contrassenso gritante do qual o filósofo de Sils-Maria pretende escapar. Esse “contrassenso”, segundo Giacóia, “seria efeito da motivação religiosa que, a modo de indução inconsciente, anima o programa crítico de Kant” (p. 115) e reintroduz na filosofia prática, de modo sub-reptício, a teologia. Ora, encerrar a filosofia transcendental no registro de uma teologia cumpre justamente os dois movimentos indicados no início dessa exposição: por um lado, dizer que o êxito de Kant foi um êxito de teólogo é tentar remeter sua filosofia àquele domínio de conhecimento no qual predomina o grande preconceito dogmático da distinção entre mundo verdadeiro e mundo aparente, distinção que, segundo Nietzsche, Kant teria sacralizado em termos epistêmicos na distinção coisa em si e fenômeno, além de tomar essa distinção como base de seu “edifício moral”. A natureza das questões postas por Kant não seria, nesse caso, propriamente filosófica, mas de procedência popular, da crença cristã dos alemães cujo revigoramento aconteceu por obra daquele “sacerdote fracassado” (AC 61), Lutero. Portanto, para Nietzsche, a crítica kantiana estaria, desde o início, viciada nos preconceitos dogmáticos dos quais não pode mais escapar e que considera, por fim, como “*factum*” da razão. Por outro lado, é justamente a mesma questão, por exemplo, o dever moral, que ocupa todo o aforismo 11 de *O Anticristo* numa contraposição direta ao dever moral kantiano, o que faz de Kant uma “semiótica” das intenções filosóficas de Nietzsche, uma lente de aumento por onde deve vazar sua interpretação sobre o *dever* moral. E aqui encontramos um forte argumento para mostrar que a presença de Kant no texto de Nietzsche cumpre uma estratégia bem definida de “usar” a

<sup>8</sup> Uma interpretação bastante criteriosa acerca da “probidade” em Nietzsche é encontrada em TONGEREN (2012), especialmente o capítulo III, pp. 134-174.

figura daquele em favor da filosofia deste. É como se Nietzsche quisesse se livrar do perigo do Kantismo, da sua “filosofia de portas dos fundos”, mas tivesse que levar às últimas consequências as questões inauguradas por Kant. Ou seja, a superação da perspectiva kantiana se dá menos pela recusa infundada dos temas fundamentais do que pelo enfrentamento direto com os problemas arregimentados pela filosofia transcendental e pelo constante deslocamento de suas visadas epistêmicas e morais. Por exemplo, quando trata do perspectivismo Nietzsche tem de se debater com os problemas epistemológicos tecidos nos domínios da filosofia transcendental kantiana. Como mestre na arte de deslocar perspectivas (EH Por que sou tão sábio 2), é justamente aí que ele tenta suplantar a ideia de que temos acesso às coisas do ponto de vista de um conhecimento objetivo regulado por leis do entendimento, além de chegar à conclusão de que não estamos credenciados a separar fenômeno de coisa em si. No outro extremo, a elaboração do conceito de vontade de poder parece concorrer com a coisa em si de Kant na medida em que é preciso superar as dicotomias e as oposições sobre as quais repousa a metafísica, isto é, a vontade de poder, entendida como a própria efetividade (*Wirklichkeit*), se situaria como o fato primordial, não um *factum* à maneira de Kant, é certo, ou uma Vontade una ao modo de Schopenhauer, mas fato primordial característico do modo de organização das concreções vitais constitutivas de toda a efetividade, além da qual não teríamos direito algum, nem mesmo à especulação, sob pena de derraparmos no velho preconceito dogmático. É na textura desses conceitos que se pode reconhecer o esforço de Nietzsche para superar Kant. Portanto, a vulgarização da filosofia transcendental tem um intuito interessante e estratégico para as pretensões de Nietzsche, qual seja, o de plantar suspeitas acerca dos méritos conquistados por Kant e de colocar em xeque toda a tradição da filosofia transcendental herdeira da filosofia kantiana para, em seguida, chamar a atenção para os deslocamentos realizados pela *genealogia*. Ou seja, Nietzsche está numa concorrência direta com o modo de pensar da tradição transcendental desde Kant com o intuito de superar esse modo de compreensão abrindo a possibilidade para “infinitas interpretações” (GC 374).

Em suma, é nessa oscilação entre um criticismo mitigado e um antidogmatismo de fachada que se situa a crítica mais corrosiva de Nietzsche à filosofia transcendental de Kant. Nietzsche reconheceu bem o que pode se esconder nos discursos que prometem acesso ao “conhecimento verdadeiro”, às “verdades eternas”, ao “mundo verdadeiro”, ao “conhecimento objetivo”; que postulam “ser”, “Deus”, “alma”, “sujeito puro”, “coisa-em-si”, entidades imaginárias que não possuem nenhum ponto de contato com a efetividade, segundo os termos de *O Anticristo*. A genealogia de Nietzsche, que permite reconhecer a farsa do ideal também

em Kant, estaria pois numa direção oposta à filosofia transcendental pelo fato de tornar pública uma denúncia do dogmatismo desde seus primeiros passos no socratismo-platonismo até à modernidade. Um dos resultados alcançados pela genealogia atesta o diagnóstico de que a filosofia de Kant representa, malgrado o próprio Kant, o momento mais exemplar do “fanatismo” do ideal. A genealogia, diferentemente do criticismo, remonta ao *locus* inaugural da filosofia dogmática para mostrar o ideal de verdade que a sustenta e as sementes do *niilismo* que presidem a sua dinâmica. Daí a afirmação irônica de Nietzsche após reconhecer que sua genealogia dos valores morais conquistou avanços significativos em detrimento das pretensões do programa crítico-transcendental de Kant.

E agora não me venha falar do imperativo categórico, meu amigo! – essa expressão me faz cócegas no ouvido e eu tenho que rir, mesmo em sua tão séria presença: lembra-me o velho Kant, que, como punição por ter obtido furtivamente a ‘coisa em si’ – também algo ridículo! –, foi furtivamente tomado pelo ‘imperativo categórico’, e com ele no coração *extraviou-se de volta* para ‘Deus’, ‘alma’, ‘liberdade’ e ‘imortalidade’, semelhante a uma raposa que se extravia de volta para a jaula: – e a sua força e esperteza é que havia *arrombado* a jaula! (GC 335).

Nietzsche é partidário da ideia de que Kant foi vítima de sua própria astúcia e engenhosidade. Com a mesma força e esperteza com que havia se desgarrado das amarras metafísicas, a elas retornou. Nisto consiste a provocação de Nietzsche de que a honestidade intelectual de Kant estava comprometida desde o início com a agenda dogmática. Nesse sentido, se Kant está convicto de que sua crítica se destaca do dogmatismo pelo fato de solucionar o problema da metafísica por meio de uma clara distinção entre o domínio dos *Phainomena* e o domínio dos *Noumena*, Nietzsche encontra vários motivos para suspeitar de que a solução kantiana guarda resquícios de um dogmatismo astuto que precisa ser desmascarado por uma exigência da *sua* probidade intelectual, isto é, por exigência inconcussa da veracidade. Na seção 11 de *Para Além de Bem e Mal* Nietzsche não deixa dúvida quanto ao papel desempenhado pela filosofia de Kant e a influência exercida por ele na filosofia alemã, suspeitando da sua *crítica* e da sua *revolução* na forma de pensar. Ironizando o legado kantiano para o idealismo alemão, Nietzsche dirá que “Kant se orgulhava da sua tábua de categorias” (BM 11) e que esse orgulho, de “haver descoberto no homem uma nova faculdade”, levou à incosequência de toda a filosofia alemã: “Aconteceu a lua-de-mel da filosofia alemã; todos os jovens teólogos dos Seminários de *Tübingen* se embrenharam no mato – todos buscavam ‘faculdades’”.

Toda a influência exercida por Kant sobre o idealismo posterior representa bem um dos méritos conquistados pela filosofia transcendental que Nietzsche considera indício de

dogmatismo na medida em que tal influência foi capaz de manter a busca incandescente por “faculdades puras”, “princípios puros”, além de cumprir a tarefa de “abrir espaço outra vez para a crença, indicando ao saber seus limites” (A 206). Para Nietzsche, trata-se de um dogmatismo disfarçado de criticismo, um *sensu comum* disfarçado com a sofisticação filosófica no uso das palavras, uma *teologia* disfarçada de filosofia crítica. “Mesmo supondo que nisso ele tenha se enganado”, diz Nietzsche acerca da descoberta kantiana da faculdade dos juízos sintéticos a priori, “a formação e o rápido florescimento da filosofia alemã dependeram desse orgulho e da ardorosa disputa dos mais jovens para descobrir, se possível, algo de que se orgulhar mais ainda – e, em todo caso, ‘novas faculdades’!” (BM 11). Kant representa, portanto, o ideal filosófico a ser seguido. Com ele, ainda que se tenha equivocado em pontos essenciais, como sugere Nietzsche, se forjou o *modus operandi* da modernidade filosófica, ainda que seus herdeiros tenham alcançado resultados diferentes. Kant figura, portanto, no registro daquele tipo sacerdotal descrito na terceira dissertação da *Genealogia da Moral* cuja maestria está justamente em exercer sua influência sobre o ‘povo’, prometendo curar a consciência filosófica do dogmatismo, mas mantendo-a, sub-repticiamente, sob o signo do preconceito dogmático. Se há algo que Kant ensinou bem aos seus ‘alunos’ foi, por um lado, que o maior mérito de um filósofo é descobrir uma faculdade do espírito; por outro, e é isso que Nietzsche parece estar sugerindo, que há sempre um *factum*, um *dado* do qual se deve partir e para o qual se deve retornar, ainda que sorrateiramente.

### Considerações finais

Com efeito, segundo Nietzsche, a resposta fornecida por Kant aos vários fracassos dos “arquitetos filosóficos” (A 3) na elaboração do conhecimento, “porque todos eles descuidaram da pressuposição, do exame do fundamento, de uma crítica da razão em seu conjunto” (A 3), essa resposta de Kant, segundo Nietzsche, não satisfaz e não conduziu “para um chão mais firme e menos enganoso!” (A 3). Não se trata propriamente de um problema do “conhecimento”, de um problema circunscrito ao domínio especulativo, mas de um problema moral. Para Nietzsche, “a resposta correta teria sido, em vez disso, que todos os filósofos edificaram sob a sedução da moral<sup>9</sup>, e Kant também – que seu propósito era aparentemente certeza, ‘verdade’, mas era propriamente ‘majestáticos edifícios éticos’” (A 3). Em suas veias corria, antes de tudo, um “sangue de teólogo”, ávido pela coisa-em-si, pelo incondicionado,

<sup>9</sup> Sobre o tema da sedução da moral em Nietzsche e Kant, ver PASCHOAL (2009).

enfim, o chinês de *Königsberg* não se orgulhava somente de ter *descoberto* a faculdade dos juízos sintéticos *a priori*, mas se orgulhava principalmente de ter realizado outra descoberta, ainda mais fundamental, a de uma faculdade moral no homem. De fato, era isso que Kant queria garantir com toda a grandiloquência da *Crítica da razão pura*, isto é, a consciência da lei moral nos termos de uma razão pura que tem, além do seu interesse teórico, seu interesse prático. O próprio Kant dá pistas disso. No prefácio da *Crítica da razão prática*, ele adianta que “o conceito de liberdade, na medida em que sua realidade é provada por uma lei apodictica da razão prática, constitui o fecho de abóboda de todo o edifício de um sistema da razão pura, mesmo da razão especulativa” (KpV, A 4). Nietzsche foi direto ao ponto. Atacou aquilo que parece ser fundamental na arquitetura kantiana, a “pedra de toque” do seu sistema crítico:

Para abrir espaço para seu ‘reino moral’, ele se viu obrigado a anexar um mundo indemonstrável, um ‘além’ lógico – era justamente para isso que ele necessitava de sua *Crítica da razão pura*. Para exprimi-lo de outro modo: ele não teria necessitado dela, se para ele isto não tivesse sido mais importante do que tudo, tornar o ‘reino moral’ invulnerável, de preferência ainda, invulnerável à razão (A 3).

O que Nietzsche tenta sustentar aqui é o fato de que o projeto da filosofia especulativa, que abre mão do incondicionado estabelecendo uma certa limitação da razão no chamado “campo especulativo”, não só reintroduz esse mesmo incondicionado pelas portas dos fundos, como, ao propor uma crítica total, já deixa abertas as portas dos fundos. Ou seja, o interesse de Kant não era, como poderia parecer, meramente especulativo, e não é nesse plano que Nietzsche pretende realizar seu acerto de contas com o representante mais ilustre da moderna consciência européia, mesmo se considerarmos seus escritos mais especulativos, *Aurora e A Gaia Ciência*, nos quais predominam a crítica do conhecimento e as observações sobre a ciência. Antes de tudo, Kant era um moralista:

Uma palavra mais contra Kant enquanto *moralista*. Uma virtude deve ser a *nossa* invenção, a *nossa* mais pessoal defesa e necessidade [...]. Um povo entra em colapso quando confunde o *seu* dever com o conceito de *Dever*. Nada arruína mais profundamente, mais intimamente, do que o dever “impessoal”, o sacrifício ao Moloch da abstração. Será possível não ver no imperativo categórico de Kant uma *ameaça contra a vida?* (AC 11).

Kant, continua Nietzsche no fim da seção 11 de *O Anticristo*, “O instinto que em tudo se engana, a *contra-natureza* como instinto, a *décadence* alemã como filosofia – *eis o que é Kant!*” (AC 11). Que essas acusações de Nietzsche soam bastante panfletárias, não resta dúvida. Que sua intenção é difamar a filosofia transcendental reduzindo os êxitos pretensamente conquistados pela razão pura ao nível de uma teologia ou preconceito popular,

é o que suas últimas obras demonstram. Para além disso, no entanto, se coloca um propósito bastante profícuo em termos de uma genealogia da ‘alma’ moderna que se revela como crítica corrosiva, mas bastante lúcida, dos ideais que orientam o destino do homem moderno sob o pano de fundo de uma moral de rebanho.

## Referências

- CLARK, M. **Nietzsche on Truth and Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 1990.
- GIACÓIA JÚNIOR, O. **Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito da liberdade, autonomia e dever**. São Paulo: Casa do Saber, 2012.
- GERHARDT, V. Die Perspektive des Perspektivismus. In: **Nietzsche-Studien** 18, 1989.
- GREEN, M. S. **Nietzsche and the transcendental Tradition**. Illinois: University of Illinois Press, 2002.
- GRIMM, Rüdiger. **Nietzsche’s Theory of Knowledge**. Berlim: Walter de Gruyter, 1977.
- HIMMELMANN, B (org.). **Kant und Nietzsche im Widerstreit**. Berlin/New York: De Gruyter, 2005.
- KAULBACH, F. **Philosophie des Perspektivismus**. Tübingen: JCB Mohr, 1990.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da razão prática**. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Além de Bem e Mal**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Aurora**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PASCHOAL, A. E. Nietzsche, Kant e a Sedução da Moral. In: **Kant e-Prints**. Série 2, v. 4, n. 2 (jul.-dez), pp. 323-340, 2009.

RICCARDI, M. Nietzsche's critique of Kant's thing in itself. In: **Nietzsche-Studien** 39, 2010, pp. 333-51.

TONGEREN, P. Von. **A moral da crítica de Nietzsche à moral**: estudo sobre "Para além de bem e mal". Tradução de Jorge L. Viesenteiner. Curitiba: Champagnat, 2012.